

Isadora Ruppert celebra prestígio internacional dos trabalhos em *Ainda estou aqui* e *O agente secreto* e se prepara para estreiar em nova série da Netflix sobre o tricampeonato mundial da seleção brasileira de futebol

POR ISABELA BERROGAIN

Com apenas 26 anos de idade, Isadora Ruppert celebra momento único na carreira de atriz. *O agente secreto*, filme em que a carioca faz o papel de Daniela, está na lista de pré-selecionados ao Oscar, nas categorias Melhor filme internacional e na inédita Melhor elenco. Em 2024, a artista também comemorou a vitória dupla de *Ainda estou aqui* na premiação — no longa, a artista dá vida à personagem Laura Gasparian. Em meio ao prestígio no mundo cinematográfico, a jovem se prepara para estreiar em *Brasil 70*, produção da Netflix sobre a campanha da Seleção Brasileira de futebol rumo ao tricampeonato mundial.

Ainda sem data de estreia, a minissérie irá recriar, de forma imersiva, lances clássicos e momentos de bastidores que ajudaram a construir o legado da equipe formada por Pelé, Tostão, Félix, Carlos Alberto, Jairzinho, Gérson e Rivellino, além dos técnicos Saldanha e Zagallo. “Eu ainda não posso contar muito sobre a minha personagem, mas o que eu posso dizer é que foi um processo muito incrível”, revela Isadora. “Eu sou completamente apaixonada por futebol, sou flamenguista desde pequena, então fazer parte de um projeto que se passa durante a Copa do Mundo de 1970 foi muito especial pra mim”, conta a atriz.

Para a carioca, o projeto se destaca por falar de um esporte tão presente na vida dos brasileiros. “O futebol traz muita alegria e é capaz de criar um senso de coletividade e de pertencimento. A gente é um povo muito apaixonado e muito envolvido, e isso atravessa gerações. Falar de futebol é falar também de afeto, de memória e de identidade”, pontua.

Período duro

Para além dos acontecimentos em campo, a história tem como pano de fundo um dos momentos mais marcantes da história política brasileira, em meio à fase mais dura do regime militar. Questionada sobre a constante representação do período na ficção, que também é retratado em *Ainda estou aqui* e *O agente secreto*, Isadora afirma ser de “extrema importância”. “Eu sinto que esse movimento que vem acontecendo reforça como é fundamental sabermos o que aconteceu no pas-



Julietta Bacchin

sado para que a gente não repita os mesmos erros. Um país sem memória não anda pra frente”, declara a atriz.

“Quando a história é apagada ou relativizada, a gente corre o risco de normalizar violências que nunca deveriam se repetir”, continua a artista. “Por isso é tão importante que as novas gerações saibam o que aconteceu. Esse passado é recente, não pode ser esquecido. Foi um período muito duro, muito violento e que marcou profundamente o país. Muitas famílias sofreram com a ditadura, perderam entes queridos, tiveram suas histórias interrompidas e carregam traumas até hoje. Falar sobre isso, revisar essas narrativas e transformá-las em cinema, em arte, é uma forma de preservar a memória, de elaborar esse luto coletivo e de seguir em frente de maneira mais consciente”, acrescenta Isadora.

Apesar de jovem, a atriz tem relação direta com o período da ditadura militar. “Minha avó foi perseguida por mais de 20 anos, então eu cresci ouvindo essas histórias dentro de casa. Isso foi moldando o meu olhar, a minha sensibilidade e a forma como eu me relaciono com esse tipo de narrativa. É uma memória que me atravessa, que está no corpo, no afeto”, ela entrega.

“Eu acabo trazendo muito dessa vivência para o meu trabalho e para a construção das minhas personagens. De maneira consciente ou não, essa bagagem aparece nas escolhas, nos silêncios, na forma de estar em cena. Por isso, estar em produções que dialogam com esse período tem um peso emocional muito forte pra mim — não é só um trabalho, é algo que toca diretamente a minha história”, conclui a carioca.